



UMA BIOGRAFIA

Sergio Buarque de Holanda

A uma das páginas desta opulenta biografia de Epitácio Pessoa (Laurita Pessoa Raja Gabaglia, *Epitácio Pessoa*, 2 volumes, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1951), a autora põe em relevo o papel eminente que às personalidades de exceção se acha reservado na vida dos povos. "Há quem sustente", escreve, "que a formação das nacionalidades não é tanto o fruto de uma revolução determinada por fatores geográficos, técnicos e econômicos como na criação de homens de poderosa individualidade".

A rigor, a forma indireta seria aqui dispensável, pois que disfarça mal uma convicção aparentemente bem arraigada e inabalável. Logo às linhas seguintes lê-se com efeito, que o conceito se aplica em particular ao Brasil, terra de formação aluvial, "cujas instituições monárquicas foram o presente de uma dinastia e cuja democracia republicana é obra de uma elite, sem repercussões vitais na consciência mal desperta das massas". Aqui, acrescenta, "mais do que em outra parte, a nacionalidade tem que formar-se diretamente pela ação e pelo exemplo das grandes personalidades, representativas das virtudes mais necessárias à raça e educadoras de sua consciência cívica. Epitácio Pessoa foi um desses guias".

A tese presta-se, não há dúvida, a debates, especialmente em sua aplicação ao caso brasileiro, onde levada às consequências extremas desembocaria fatalmente em alguma doutrina do "homem providencial". E tenho certeza de que a própria autora não iria de bom grado a tamanhas conse-

quência. O homem "providencial", ou mesmo a individualidade capaz da liderança criadora, na concepção de Toynbee, que ela invoca expressamente, constitui, quase por definição, o avesso do verdadeiro espírito conservador. Não é certamente através da observância fiel de princípios legados pela tradição, mas antes pela magia pessoal, pelo "carisma", que ele chega a impor-se e a eficazmente agir sobre as sociedades. Nos países em formação, aluviais ou não, seu papel é o do conquistador ou do pioneiro que transtorna as condições existentes respondendo a um desafio pela reação permanentemente vitoriosa. Nos povos em processo de desagregação é o salvador capaz de suprir, com suas próprias virtudes criadoras, a esterilidade das elites em declínio.

ENTRE as novidades bem características desta nossa era da técnica está a crença em que é possível, através de certas filosofias pragmáticas e de mecanismos eficazes de propaganda, uma espécie de técnica da salvação pública. Fabricam-se assim os homens providencias, como se "fabricam" as pérolas japonesas. E já sabemos de sobra que desastrosos resultados.

Ora, Epitácio Pessoa não foi uma individualidade "criadora" na sua verdadeira e justa acepção da palavra. E também não o foi — para o seu e para o nosso bem, — na acepção nova, do homem "providencial". É certo que, pela época de seu governo, ainda não tinham nascido ou não tinham chegado à fase contagiosa, os regimes totalitários do velho Mundo. Mas pode-se ter a certeza de que, mesmo em condições diversas, seria incapaz do "jogo de disfarce e de tabela", das "tricas, artimanhas e cálculos" que garantem o bom êxito de certas aventuras irresponsáveis, enquanto não as inutilize a usura. Preservava-o, neste particular, sua honestidade fundamental e ainda a vocação e a formação intelectual invencível de quem "via na presidência da República apenas o exercício de uma judicatura".

É bem certo que tinha até ao extremo o senso da própria autoridade aliado ao gosto da dis-

ciplina, ao da pompa coletiva e também à bravura pessoal. Contudo esse autoritarismo vinha-lhe do temperamento, um temperamento naturalmente suscetível, e talvez um pouco da educação recebida; não vinha de uma convicção intelectual e ainda menos de alguma doutrina caprichosamente elaborada. Pode-se dizer-se, sem exagero, que era muito menos uma individualidade criadora do que uma simples criatura do meio ou das tradições onde seu espírito se moldara. Nas instituições dominantes deveria ser uma espécie de cristalização invulnerável. Ou ao menos um organismo íntegro que devesse crescer e desenvolver-se pelas próprias forças, sem socorro externo. E como, apesar do vinco jurídico, não se separava nele, facilmente, o homem do político e do detentor do poder, sentiria intimamente como uma ofensa pessoal tudo quanto tendesse a perturbar essa harmonia orgânica. Repugnava-lhe na vida pública todas as complacências a que o indivíduo seria adverso.

RESISTINDO ao que a autora desta biografia denomina "os primeiros sintomas alarmantes da crise que iria mergulhar a República por quinze anos na ditadura" não pôde prevenir, pôde apenas adiar por alguns anos mais, e triunfo das forças contrárias. E na intemerata resistência que opôs a essas forças, onde não costumava separar o trigo do joio, é provável que ao zelo da autoridade se aliasse uma sensibilidade pessoal exacerbada. O homem nele era muito mais do que o personagem, diz o biógrafo. Poderia dizer talvez melhor, que o homem se confundiu constantemente com o estadista.

Este — o estadista — cumpriu com denodo a coerência a missão que aquele se impusera, de preservar o que encontrara feito e lhe parecia bem feito. "Epitácio Pessoa foi um estadista conservador" escreve a sra. Laurita Raja Gabaglia. E confessa ainda: "Em matéria social não podia ser um inovador. Neste, como em outros pontos, a obra tinha de refletir o homem. Ora, o homem trazia em si, muito marcado, o pendor intelectual: nascera para ensinar,

(Conclui na 10.ª Página)



UMA BIOGRAFIA... (Conclusão)

esclarecer, guiar mais do que para agir socialmente. Para defender, valorizando-o, o patrimônio já adquirido, mais que para desbravar novos horizontes".

Admite-o com lhanza, assim como admite que não era a rigor um imaginativo. Movia-se teimosamente dentro do círculo de interesses onde tornaram ser feito pessoal, suas certezas maciças, a não era tentado a ultrapassá-lo. "Pertencia", escreve a autora, "a esse tipo mental cuja imaginação só se comove e impulsiona sob o influxo da sensibilidade. Somente através desta conseguia imaginar. Assim é que imaginou o drama do Nordeste brasileiro e sua premência pavorosa, porque, em menino, foi a bem dizer testemunha dela". E reconhece mesmo algumas das limitações do homem de Estado, seu ascetismo político especialmente, que seriam sobretudo os defeitos de suas qualidades.

PARA alguns filósofos que vêm a arte suprema do historiador nas virtudes que o alienam radicalmente dos métodos das ciências naturais, virtudes de simpatia vital, de compreensão, de afinidade, a biografia chega a constituir forma ideal, a única verdadeiramente histórica da história, aquela que num destino singular discerne o espelho de toda a existência humana, assim como a lei secreta que rege suas mutações. De todas as formas de história é assim a mais filosófica, escreveu Dilthey.

A biografia de Epitácio Pessoa ajuda a mostrar como, na prática, isso só dificilmente ocorre. Nada menos histórico, em realidade, do que esta vida, continuamente a mesma, e que surge, já à primeira página do livro, tal como há de ser à última. Ou é que a vida, neste caso, se acha suspensa a uma vocação, que lhe dá um colorido próprio e indelevel.

